Formas negativas, memória e limites na improvisação solo

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO-PERFORMANCE

Mário Del Nunzio
maodn1@gmail.com

Uma improvisação solo é uma tarefa que tende ao impossível: se a improvisação é caracterizada pela imprevisibilidade e pela possibilidade de interações entre os participantes[1] que gerem surpresas e caminhos novos, como isso pode se dar no caso de um músico, com ampla vivência com seu instrumento e suas possibilidades, tocando sozinho? E, no entanto, essa é uma das atividades que eu tenho desenvolvido recorrentemente ao longo dos anos, tentando responder à questão da imprevisibilidade e dos novos caminhos de diferentes modos.

Nesse sentido, a improvisação solo pode ser vista como uma relação de tensão entre memória, corpo e instrumento, na qual a busca por novidade não decorre da interação com outros músicos, mas do questionamento de hábitos incorporados e da busca de situações que desafiam seu controle. Para isso, na prática que eu desenvolvo, não existe uma forma pré-determinada: quando vou tocar, existe mais uma forma negativa do que positiva, ou seja, a preocupação é que o que estou tocando numa determinada apresentação não repita, formalmente, o que eu já fiz (ou lembro ter feito) em outras. Dessa forma, cada apresentação deve buscar seu modo de organização próprio; se há a percepção de que um determinado percurso já ocorreu anteriormente, deve haver a intenção de alterá-lo. A memória opera, assim, em duas escalas distintas: entre apresentações, funciona como restrição, desencorajando a repetição de procedimentos (desafio pessoal); durante a performance, contribui para o estabelecimento dos percursos, possibilitando retomadas, transformações e desenvolvimento dos materiais. Um segundo ponto é que existe a intenção de fazer coisas no instrumento que estejam no limite do que é possível controlar, de acordo com a ideia de fisicalidade[2]. Isso se dá, por exemplo, quando algo que eu não estava esperando se manifesta sonoramente, quando algo realmente parece dar "errado", quando o corpo se cansa e há uma exaustão muscular, dentre outras possibilidades. Essas estratégias procuram deslocar, por vias distintas, os hábitos incorporados que constituem a memória corporal e instrumental do improvisador. Evidentemente, isso contém um certo grau de ficção metodológica / idealização. O corpo e o instrumento não se reconfiguram a cada apresentação: as memórias musculares estão lá, as habilidades desenvolvidas, os padrões treinados, as recorrências do pensamento musical, que constituem tanto a condição de possibilidade da improvisação quanto aquilo contra o que ela deve construir modos de escape. No contexto desta pesquisa artística, a improvisação solo é, então, a de uma música que se dá num tensionamento, com essa ideia de forma negativa indicando a busca por situações (que ao menos pareçam) novas ao músico, num contexto no qual a formulação de propostas radicais (em termos de material e estrutura - rupturas, desenvolvimentos) é limitada pelas condições materiais que se fazem presentes.

---

[1] Por exemplo, Rogério Costa indica que a improvisação seria "resultado de uma ação coletiva e intencional originada em uma vontade de prática musical" (Costa, 2003, p. 13).

[2] A fisicalidade, neste caso, está relacionada às potências e limites da relação entre músico e instrumento, considerando especialmente as características materiais específicas do instrumento (o que leva a técnicas expandidas, utilização de objetos e preparações) e limites físicos do músico (independência, polifonia paramétrica, energia física necessária). Cf. Del Nunzio, 2011.

Título da(s) música(s) e nome do/a compositor/a ou compositores/as, com data de composição e indicação de seções ou movimentos, se houver:
Improvisação solo, Mário Del Nunzio, 2026

Minutagem:
Ca. 20min

Endereço eletrônico (URL) para o vídeo disponibilizado:
https://youtu.be/ecrKV_CEtfc

Referências

COSTA, Rogério Luiz Moraes. *O músico enquanto meio e os territórios da livre improvisação*. 176f. Tese (Doutorado em Comunicação). Departamento de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4272. Acesso em: 31 jul. 2026.

DEL NUNZIO, Mário. *Fisicalidade: potências e limites da relação entre corpo e instrumento em práticas musicais atuais*. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-13032013-112135/. Acesso em: 31 jul. 2026.